

Vidas que se cruzam: as trajetórias das feministas sufragistas uruguaias e brasileiras através dos discursos

Lives intersect: the trajectories of the Uruguayan and Brazilian suffragette feminists through the discourses

María Laura Osta Vázquez
Doutoranda, PPGH-UFSC
lauraosta@hotmail.com

Resumo: O trabalho trata-se de uma análise dos discursos das duas sufragistas mais importantes no Uruguai e no Brasil (Paulina Luisi e Bertha Lutz) a partir da metodologia de história cruzada e desde uma perspectiva de história de gênero. Paulina e Bertha foram mulheres graduadas (uma médica e a outra bióloga), filhas de imigrantes, que dedicaram suas vidas na luta pelos direitos das mulheres. Desenvolveram estratégias de persuasão e retórica para atrair os setores mais conservadores à causa feminista. Nosso objetivo central serão esses discursos e os entrecruzamentos de alguns assuntos que cada uma defendeu.

Palavras-chave: sufrágio, discursos, feministas

Abstract: The aim of this study was to analyze speeches of the most important suffragettes in Uruguay and Brasil (Paulina Luisi and Bertha Lutz respectively). The methodology used was cross history from the perspective of gender history. Paulina and Bertha were daughters of immigrants who were educated in medicine and biology, and dedicated their lives to fighting for women's rights. They developed strategies of rhetoric and persuasion to attract the attention of the most conservative groups to the feminist cause. Our specific aim will be to analyze their speeches as well as examine the specific causes that each one defended.

Keywords: suffrage, discourses, feminist

A “história cruzada” parte da ideia de que todo cruzamento tem um ponto de intersecção. Cruzar também é entrecruzar: perceber inércias, resistências, modificações (WERNER; ZIMMERMANN, 2003). Procuraremos “cruzar” pessoas, discursos, fatos. Entre as feministas brasileiras e uruguaias houve cruzamentos de conceitos, informações, de eventos, de correspondências, de processos; tentaremos trabalhar nessas intersecções, nesses pontos de encontros e desencontros.

Ambas graduadas - uma médica e outra bióloga -, em diversas oportunidades sacrificaram seu trabalho pela luta a favor dos direitos políticos das mulheres. Ambas estudaram em Paris, eram filhas de imigrantes, mas cada uma aplicou táticas distintas para convencer a suas companheiras. Entendemos táticas no sentido de Michel de Certeau (1996,

p. 45): “engenhosidades do fraco para ganhar partido do forte, que vão desembocar numa politização das práticas cotidianas”. Caminhos que às vezes se cruzaram e às vezes se distanciaram, mas foram trajetórias que deixaram marcas na história do feminismo latino-americano e mundial. A partir de uma visão de gênero, analisaremos suas atuações em um tempo em que ser cidadão era uma categoria universal masculina, impenetrável para as mulheres.

Filha de pai italiano, pedagogo, formado em direito e combatente pelo “resorgimento” italiano ao lado de Garibaldi. Filha de mãe polonesa, professora e poliglota. Paulina, com Emilio Frugoni e Celestino Mibelli, foi fundadora do Partido Socialista do Uruguai em 1907. Em 1913 o governo *batllista*¹ lhe enviou à Europa para estudar medidas de higiene social. Na volta exigiu solidariedade para com as prostitutas e fez grandes campanhas pela causa delas. Foi a primeira mulher encarregada de uma cátedra na Universidade, chefe da Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina em 1909, no período de 1910-1930 foi professora de Higiene Social y Educación Profiláctica na Escuela Normal (de formação de professores). Lutou toda sua vida pelos direitos das mulheres, fossem eles civis, políticos, educativos ou de saúde. Quando teve a oportunidade de se candidatar como deputada do Partido Socialista, desistiu. Uma atitude um pouco contraditória vinda de uma mulher que dedicou toda sua vida a luta pelos direitos políticos.

Brasileira, Bertha Lutz foi filha da enfermeira inglesa Amy Marie Gertrude Fowler e de Adolpho Lutz, microbiologista suíço radicado no Brasil. Formada em biologia pela Universidade de Sorbonne e em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro. Bertha Lutz retornou ao Brasil em 1918 e ingressou por concurso público no departamento do Museu Nacional, primeiro como secretária e depois como bióloga, sendo a segunda mulher a ingressar no serviço público brasileiro. Bertha Lutz trabalhou toda sua vida a favor dos direitos políticos das mulheres e, diferentemente de Paulina, foi deputada no ano 1936. Durante seu mandato de deputada, defendeu mudanças na legislação referente ao trabalho da mulher e do menor, à isenção do serviço militar, à licença de 3 meses para a gestante e à redução da jornada de trabalho, então de 13 horas.

¹ O *Batllismo* é um ramo do partido Colorado, criado por Jose Batlle y Ordoñez, presidente do Uruguai. Quando falamos de governo batllista, estamos nos referindo a os governos de Jose Batlle e Ordoñez: 1903 - 1907 e 1911 - 1915.

Ambas as feministas pertenceram ao que se chama de feminismo de primeira onda.² Segundo a autora Asunción Lavrin (2005, p. 18-19), nesta época não existia um feminismo único, mas uma diversidade de respostas e orientações femininas diante dos problemas que atingiam as mulheres pertencentes a distintas camadas sociais.

Através dos discursos analisados, é possível detectar algumas táticas e estratégias, utilizadas tanto por Bertha como por Paulina, para realizarem seus objetivos. Segundo a autora Susan Besse (1999, p. 220), as feministas contribuíram para fortalecer e legitimar a nova ordem burguesa, buscando transformar as mulheres em “colaboradoras” dos homens, evitando assumir posições que fossem interpretadas como segregacionistas, mas que não alteravam os padrões da dominação sexual. A própria June Hahner (2003, p. 311) afirma: “As líderes do movimento sufragista brasileiro desejavam reformar mais do que reestruturar radicalmente o sistema político social da nação”.

Podemos inserir os discursos de Bertha e Paulina, em dois grandes tópicos: a interpretação do Feminismo, e a concepção de maternalismo (principal argumento utilizado pelas duas para reivindicar o voto das mulheres).

O Feminismo por elas desenvolvido é um feminismo da diferença; a luta pelos direitos políticos está baseada em um conceito de “mulher”³ como um ser diferenciado, que possui visões e interesses distintos, próprios de seu sexo (como o interesse pela política social, pela moralidade dos costumes, a procura da paz, a proteção da infância, das prostitutas, entre outros). Porém este feminismo se caracteriza por uma marcada relação com o feminismo da igualdade, como demonstra Paulina:

Pretende el feminismo demostrar con hechos que la capacidad para los actos del espíritu no es una cuestión de sexo, sino de individuo. Que ser varón o mujer no es una facilidad o un obstáculo... Que es la mujer equivalente al hombre, como valor social, y no hay por eso mismo razón alguna que justifique la eterna minoría de edad en que la colocan las leyes... que se establezca una equitativa formula, que independiente del sexo, remunere igual trabajo con igual salario... que en la apreciación de los valores sociales se prescinda del sexo para considerar solamente la persona.⁴

Este feminismo, que parte da diferença para chegar à igualdade, tem, no entanto,

² Considero o feminismo de “primeira onda” desenvolvido no final do século XVIII e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e de ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade e herança.

³ Sobre o emprego dos termos “mulher” e “Mulheres” no feminismo, ver Joana Maria Pedro (2005, p. 6-7).

⁴ Revista AcciónFemenina, Num. 1, julho de 1917. p. 49.

limitações. Paulina esclarece: “No, la mujer no pretende sustituir al hombre, la mujer no quiere abandonar las alegrías de la maternidad... No, la mujer no quiere abandonar el hogar y los hijos... la mujer quiere tener una personalidad que la haga esposa reflexiva y madre consciente...”⁵

O protótipo das mulheres do feminismo que Luisi defende é caracterizado como: “esposa reflexiva” e “mãe consciente”, qualificativos sempre relacionados aos outros, ou aos homens-maridos, ou aos filhos. No feminismo defendido por Paulina e por Bertha, havia um paradoxo fundamental: elas reivindicavam a igualdade de direitos a partir da diferença. Este paradoxo não é exclusivo destas duas feministas; Joan Scott (2003, p. 27) percebeu que foi uma característica das lutas feministas de primeira onda. Sobre isso, a autora afirma: “Na medida em que o feminismo defendia as ‘mulheres’, acabava por alimentar a ‘diferença sexual’ que procuravam eliminar”.

Nas expressões utilizadas por Paulina, pode-se perceber sua estratégia: inteligentemente vincula os lugares tradicionais que a sociedade outorga às mulheres, de mãe e esposa, às atitudes que as feministas esperam das mulheres: reflexão e consciência. Dessa forma, dissimuladamente é expresso o que os setores conservadores querem ouvir, mas também se consegue transmitir o que as feministas desejam para as mulheres.

Bertha também procura um feminismo da igualdade a partir da diferença:

A mulher... possui a mesma capacidade que o homem. É, pois, ilógico querer mantê-la em posição subalterna. A mulher sendo equivalente ao homem possui, contudo, uma orientação diferente, interessando-se no domínio das questões públicas, principalmente pelos problemas sociais... do combate ao alcoolismo, da pacificação do mundo.⁶

Percebemos que o feminismo de Bertha busca uma aproximação com autoridades, como por exemplo, com a Igreja Católica; já o feminismo de Paulina é contra a Igreja, expressando em alguns artigos sua aversão às suas formas de “evangelizar” e “manipular” as mulheres. O feminismo de Bertha foi caracterizado por Céli Pinto (2003, p. 10; 15) como “feminismo bem comportado”. Segundo esta definição as “bem comportadas” voltavam-se para os anseios das mulheres das classes média e alta: os direitos políticos. As “mal comportadas” preocupavam-se com os direitos das trabalhadoras das classes baixas que

⁵ LUISI, Paulina. 1919. p. 6.

⁶ A Vanguarda, 17 de julho de 1924.

cumpriam extensas jornadas de trabalho e sofriam assédio de seus chefes ou de patrões.

Segundo Paulina o objetivo de seu feminismo é:

demostrar que la mujer es algo más que materia creada para servir al hombre y obedecerle como el esclavo a su amo, que es algo más que máquina para fabricar hijos y cuidar la casa... que si su misión la perpetuación de la especie, debe cumplirla más que con sus entrañas y sus pechos: con la inteligencia y su corazón preparados para ser madre y educadora⁷

A perpetuação da espécie, que tanto pregam as autoridades de ambos os países, em suas fases eugenistas e positivistas, não deve – segundo Paulina – ser só física, mas também das ideias, dos sentimentos: com a inteligência e o coração.

Paulina, sendo médica eugenista⁸, socialista e feminista, planejara suas estratégias e argumentações vinculando-o a esses interesses. Como eugenista lutara contra o alcoolismo, porque este pode provocar más-formações nas gerações futuras. Paulina define a eugenia como:

ciencia nacida ayer, es una síntesis de las ciencias psíquicas y naturales aplicada al porvenir y a la felicidad de la raza humana... es necesario estudiar la semilla humana para conocer su naturaleza, sus condiciones intrínsecas y extrínsecas, que dependen del medio ambiente...⁹

Para Paulina a eugenia era “una utopia, que anhelaba para nuestros descendientes las más hermosas condiciones, así físicas como mentales... Aspirar a que nuestros hijos sean fuertes, hermosos, sanos llenos de vida y de vigor”¹⁰

A eugenia no Brasil investe na identidade feminina e reforça seu papel biológico como mãe - afirma Ramos Flores (2007, p. 211). Se o feminismo, o trabalho na indústria e no comércio, a educação das meninas, vinham enfraquecendo as fronteiras das esferas separadas, provocando a grande angústia masculina, nas décadas de 30 e 40 do século XX, um reforçado

⁷ Revista Acción Femenina, Año I. Num. 2, agosto de 1917, p. 48.

⁸ A eugenia, segundo Dr. Kehl da metade do século XX, é “uma ciência e uma arte. Como ciência investiga a geração, como arte, produz a boa geração... Depende apenas da vontade dos homens criar a elite humana, eliminar as fealdades, as imperfeições, os aleijões”. Apud Ramos Flores (2007, p. 39). No Uruguai, a eugenia foi considerada, segundo Graciela Sapriza, uma “ciência inacabada” “sobre la que existían dudas y zonas oscuras, y que admitía argumentos tanto a favor como en contra”. Diferentemente ao Brasil, onde foi assimilada ao discurso católico, no Uruguai a eugenia foi concebida pela maioria como uma arma anticlerical (SAPRIZA, 2001, p. 76).

⁹ Apud Graciela Sapriza (2001, p. 80).

¹⁰ Apud Ibidem, p. 81.

discurso sobre as mulheres tentava reduzi-las à função do lar, educadoras e formadoras dos futuros cidadãos, como ainda geradoras dos filhos da Nação. A intenção da eugenia no Brasil foi extirpar toda e qualquer atitude ou comportamento que representasse igualdade entre os sexos, recolocando as velhas noções de maternidade e paternidade, de feminilidade e masculinidade. As discussões em torno do corpo, gênero e natalidade intensificaram um discurso masculinista que reatualizava visões do Cristianismo na medida em que estabelecia laços entre a dignidade espiritual, o sentido de beleza e limpeza corporal e a conduta moral, especialmente a sexual (RAMOS FLORES, 2007, p. 226-227). Lembremos que nesse período, a Igreja combatia a vida moderna, o comunismo, os grupos financeiros, o utilitarismo, o capitalismo, o protestantismo, acusados de causarem a queda da Igreja e o declínio do poder papal. Podemos perceber dois paradoxos nas apropriações das idéias da eugenia: de um lado percebemos que feministas como Paulina Luisi eram eugenistas, apesar de o eugenismo reforçar o papel das mulheres como mães e limitar seu campo de ação ao lar, limitando, também, a educação e o trabalho fora do lar, ideais que estavam na contracorrente dos princípios defendidos pela maioria das feministas – inclusive a própria Paulina. De outro lado também é paradoxal o fato de que a eugenia no Uruguai tenha sido apropriada como luta anticlerical, enquanto que no Brasil tenha sido apropriada pelo discurso da própria Igreja Católica.

Na luta contra o alcoolismo Paulina encontrou também um forte argumento para reivindicar o voto:

es un hecho demostrado por la experiencia que las mujeres son un imprescindible factor en la lucha contra el alcoholismo. Que ellas han contribuido poderosa y eficazmente en las principales obras de defensa social contra el alcoholismo, siendo muchas de ellas debidas a su exclusiva iniciativa, que en los países donde las mujeres gozan del derecho al sufragio, es donde la lucha antialcohólica ha obtenido los mejores resultados¹¹.

Como socialista defende os direitos dos trabalhadores: o fim das intermináveis jornadas de trabalho, licença maternidade, a regulamentação e controle do trabalho infantil. Entretanto, os mesmos fins também são perseguidos a partir de uma ótica eugênica: pois a falta de legislação trabalhista afeta o desenvolvimento da raça, aumenta a mortalidade e má-formações nos fetos.

¹¹ Revista Acción Femenina, Año II. Num. 3-4. Mayo-junio 1918, p. 49.

O maternalismo será um conceito muito trabalhado em todos os discursos, tanto de Bertha como de Paulina; a identificação da figura da “mulher” com a da “mãe” é constante e, segundo a autora Rachel Soihet, é uma das táticas mais claramente desenvolvidas por Bertha para diferenciar seu feminismo do feminismo radical e ganhar a confiança dos setores mais conservadores. Analisando os discursos de Paulina nesta perspectiva, percebemos uma intenção similar. Ambas invertem os argumentos mais fortes utilizados pelos detratores do sufrágio das mulheres, afirmando que para ser uma boa mãe, dedicada a seu lar, a mulher deve ter uma formação intelectual e ser uma cidadã consciente, unindo então o discurso maternalista ao discurso feminista.

Paulina concebe a maternidade de uma forma paradoxal: por um lado a define como o mais sagrado destino, que deve ser fortalecida através da conscientização e formação das mulheres; por outro, a enxerga como um “calvário”, um obstáculo e uma carga – “deberes que son nuestro clavario y nuestra gloria: los deberes sublimes de la maternidad”¹². As sociedades têm feito da maternidade “un calvário, una cadena o una ignominia”¹³ para as mulheres.

O maternalismo de Paulina é carregado de conteúdos eugênicos: não é uma maternidade no sentido moral, ou religiosa, mas é a única forma que toda sociedade têm para continuar se reproduzindo, para perpetuar a raça. Por isto é tão importante que os governos protejam e regulamentem as atividades das mulheres, para que a humanidade se perpetue, continue e melhore a cada geração:

nosotras las partidarias del sufragio integral... nosotras que también proclamamos muy alto la ineludibilidad de los deberes de la mujer como perpetuadora de la raza, somos las primeras en reclamar que la maternidad sea reconocida como la principal misión de la mujer¹⁴

Segundo Paulina, deveria ser reconhecido pela sociedade que a maternidade é uma contribuição à riqueza de toda nação: “Es necesario, pues, que se vaya infiltrando en las conciencias la noción del valor de la producción femenina en la riqueza común, producción de descendencia, es decir, producción de brazos, de energías, de trabajo”¹⁵. Ela vai mais longe ainda, propondo que o Estado deve subsidiar economicamente toda mãe, como uma troca de

¹² Revista Acción Femenina, Año I. Num. 1, julho de 1917. p. 3.

¹³ Revista Acción Femenina, Año III, Num 2, abril de 1919. p. 32.

¹⁴ Revista Acción Femenina, Año III, Num. 2, abril de 1919, p. 32.

¹⁵ Revista Acción Femenina, Año III, Num. 25-26, Nov. Dez. de 1919, p. 182.

serviços entre o indivíduo e o Estado. Essa proposta classifica o trabalho doméstico (de criação dos filhos) como uma contribuição econômica para o Estado, e como uma tarefa custosa que deve ser remunerada.

Bertha também considera a questão da remuneração no ano de 1937, mas apenas para a criação dos filhos e para as tarefas domésticas em geral. No Estatuto Econômico da Mulher estipulava-se que os serviços prestados pelas mulheres no lar representavam 10% da renda familiar¹⁶. Sem exigir o subsídio estatal, ela propôs benefícios trabalhistas como a opção de faltar dois dias por mês sem desconto, redução de jornadas de trabalho, e descanso de dez minutos no meio de cada período.

O maternalismo de Bertha talvez seja mais estratégico, no sentido de uma maior aproximação aos discursos dos grupos conservadores (políticos e religiosos), utilizando sua mesma retórica, para convencer esses setores dos benefícios do sufrágio das mulheres, que além de afetar as mães em seus lares – em um sentido negativo, de reduzir tempo para os filhos e marido –, também acrescentaria a sua formação e experiência como cidadã, o que melhoraria o desempenho de seu papel de mães.

Bertha Lutz apresenta uma concepção inovadora do lar, estendendo o conceito para além do mundo privado, gerando novas responsabilidades para as mulheres. Em seu discurso de posse na Câmara de Deputados, ela fala:

O lar é a base da sociedade, e a mulher estará sempre integrada ao lar. Mas o lar não limita-se ao espaço de quatro paredes. O lar é também a escola, a fábrica, o escritório. O lar é principalmente o parlamento, onde as leis que regulam a família e a sociedade humana são elaboradas.¹⁷

O que Bertha fez foi redefinir o lar, o lugar que a “natureza concedeu à mulher”, que agora incluía a fábrica, os escritórios e edifícios legislativos. Entretanto, permanece o conceito, a ideia das mulheres vinculadas ao lar, mas ao mudar o conceito de lar, também se está aumentando seu espaço de ação. E ao mudar seu espaço de ação, significa que se está agindo sobre território anteriormente exclusivo dos homens. Necessariamente, isso acarreta mudanças estruturais: os homens terão que se reposicionar e criar novas estratégias de expressão, em novos espaços anteriormente considerados de domínio das mulheres.

Aqui notavelmente se percebe uma das táticas de Bertha: sem questionar frontalmente

¹⁶Projeto num. 736-1937. Normas apensas ao art. 32 do estatuto Econômico da Mulher. *Horário*. Apud Rachel Sohiet (2006, p. 80).

¹⁷ Discurso de posse, na Câmara dos Deputados, junho 1936. Arquivo Nacional. Federação Bertha Lutz.

o papel das mulheres como mães, estende seu espaço de ação, atribuindo maiores responsabilidades e áreas de expressão. Agora o parlamento – antes recinto dominado pelos homens – seria parte das tarefas das mulheres, por tornar-se parte do lar. Susan Besse (1999, p. 197) explica qual é a tática de Bertha utilizada nesta frase: “Essas afirmações rejeitavam implicitamente o papel de esposa e de mãe como fonte adequada de auto-realização, status social e segurança econômica, sem porém atacar diretamente a família ou as mulheres que estavam satisfeitas com sua identidade doméstica”. Segundo Besse, este é um recurso para evitar ataques hostis dos setores mais conservadores da sociedade, como da Igreja Católica.

Em outro artigo publicado no jornal *A Noite* em 1934, Bertha limita sua ideia de maternidade: “A mão feminista que colocar um voto na urna... não deve ser a mão calejada pelo uso de uma arma mortífera, mas a mão maternal que embala o berço e que nele renova eternamente a esperança humana de fraternidade e de paz” (SOHIET, 2006, p. 212).

Aqui aparece outro elemento a ser levado em conta: o imposto de sangue, que tanto foi discutido nos dois Parlamentos (uruguaio e brasileiro) em diversas oportunidades¹⁸, apresentados nos projetos dos direitos políticos para as mulheres. Logo depois de ter sido aprovado o voto para as mulheres no Brasil, no momento de escrever a Constituição de 1934, o deputado catarinense Aarão Rabello apresentou uma emenda que propunha que as mulheres, para exercerem seu direito ao voto, deveriam provar que haviam prestado serviço militar. Esta emenda foi assinada também pela deputada de São Paulo, Carlota Pereira Queiroz¹⁹. A emenda gerou forte reação das sufragistas que, por fim, conseguiram vencer essas dificuldades, assegurando a conquista do sufrágio feminino. Com essa frase Bertha estava respondendo à emenda, identificando as mulheres com a paz e argumentando que a maternidade vale mais que o imposto de sangue. Ela conclui:

O tributo de sangue que a mulher paga a pátria é a maternidade... Cada soldado da Pátria é a dádiva de uma mulher que lhe deu a vida, que durante anos montou guarda á beira de seu berço, que o guiou através da infância para entregá-lo á pátria altivo, honrado e robusto (SOHIET, 2006, p. 211).

Bertha propõe ainda, talvez com um pouco de ironia, a exceção do serviço militar para as mulheres a partir da diferença: “... é preciso que ao menos uma carreira fique reservada ao

¹⁸ Cfr. Câmara de Deputados. *Annaes do Congresso...* Vol. II. Op. Cit., p. 309. *Diario de Sesiones de la H. Convención Nacional Constituyente...*, tomo II, 1918, p.358 e *Annaes Câmara Deputados*, 1917. p. 337-343.

¹⁹SOIHET, Rachel. 2006. p. 51. E COSTA PACHECO, Maria da Glória. *GÊNERO E POLÍTICA: conquista e repercussão do voto feminino no Maranhão (1900-1934)*. Outros Tempos, Vol. 1 esp., 2007. p. 46-63 Disponível em: <www.outrostempos.uema.br> Acesso em 29 de maio de 2011.

sexo forte. E esta ... justamente a carreira das armas..”²⁰

Paulina se diferencia de Bertha nesse assunto; ela não era contra à possibilidade das mulheres praticarem ofícios perigosos: “La igualdad del hombre y la mujer, llevada a su conclusión, implica que si la mujer necesita protección, también la necesita el hombre. Si una mujer decide aceptar el riesgo de un trabajo como expresión de su libre voluntad, no debe la ley impedirselo” (CABRERA DE BETARTE, 2001, p. 20).

Com essa afirmação— de forma semelhante a Carlota – Paulina aproximava-se mais ao feminismo da igualdade, negando a necessidade de proteção que o feminismo da época atribuía às mulheres. Ela argumenta que a base da ação das mulheres está na liberdade: se uma mulher deseja ser soldado, o governo deve permitir isso; se ela deseja ser prostituta, também. Ela lutara contra o comércio ilegal da prostituição, mas defendera a profissão tanto de prostituta quanto de soldado, sempre e quando fosse uma escolha livre.

Outro tema interessante - pois, segundo as teorias sobre as ondas do feminismo, o aborto seria um interesse principalmente das feministas da segunda onda e não da primeira—é o aborto. Paulina como médica-eugenista, não se opunha a ele; pelo contrário, critica sua condenação, sobretudo entre as trabalhadoras:

Porque si enloquecidas por la vergüenza perpetua que nos espera cuando engendramos un hijo fuera de los contratos civiles y en un arranque de desesperación destruimos el ser que viene al mundo para nuestro eterno oprobio nos condenan a la cárcel²¹.

Ela concebe que o aborto é justo para aquelas mulheres que não tem dinheiro para custear a vida de seus filhos. Também faz referência a um congresso médico realizado em Montevideu em 1919, no qual foi considerado como urgente o estudo do problema do aborto, “cuyas practicas año a año destruyen tantas vidas y arruinan tantos organismos femininos”²². Paulina deixava claro que seu olhar com relação ao aborto não era de proibição, mas de regulamentação, o que impediria que tantas mulheres morram ou arruinem seus organismos. Em sua obra “Algunas ideas sobre Eugenia” (1918), Paulina explicitou sua posição em relação à anticoncepção e sua aceitação ao aborto eugênico, mesmo sabendo que ia contra o Código Penal vigente, de 1889. Apresentou os exemplos de vidas de mulheres grávidas

²⁰ Entrevista de Bertha Lutz à o Jornal *Á Noite*: A maternidade, o tributo de sangue que a mulher paga a pátria. Cx. 78, pacote 2, ap.46. 1932. Arquivo Nacional. Federação Bertha Lutz. p. 2.

²¹ Revista *Acción Femenina*, Año III, num. 2, p. 34.

²² Revista *Acción Femenina*, Año III, num. 25-26, p. 181.

tuberculosas, sífilíticas ou doentes mentais, com riscos de saúde, que teriam filhos disformes. Apresentou o aborto como a “única solución natural, justa, lógica, moral... Ante la posibilidad de tales frutos vale más destruir los embriones”²³

Bertha não fala de aborto, somente da proteção da mãe na maternidade. Em um manifesto de 1936, ela faz alusão aos principais problemas contemplados em seu programa “econômico-social”: “... assistência á maternidade e proteger a infância contra o abandono físico e moral”²⁴, mas nada fala na assistência às mulheres que abortam.

Apesar de suas diferenças, ambas mantinham contato, não só como representantes das sedes da NAWSA no Brasil e Uruguai, mas também como sufragistas latino-americanas, desenvolvendo estratégias de ação conjunta nos congressos. Um exemplo desse planejamento de estratégias conjuntas é uma carta escrita por Paulina para Bertha, onde a primeira explicita a necessidade de ambas coordenarem assuntos em comum para atuarem na conferência de Baltimore, em abril de 1922. Escreve Paulina:

Piensa ir en abril a la Conferencia de Baltimore? Me agradaría mucho saber á usted en Norte América para representar a las mujeres americanas... hemos nombrado una delegada, muy feminista que nos representara allá, si usted va, rogaría me lo haga saber cuanto antes para ponernos de acuerdo respecto a ciertas cuestiones que aparentemente serán tratadas allá²⁵

Com essas palavras, Paulina deixa explícito seu interesse em coordenar conjuntamente as forças de ação, para que a participação das latino-americanas fosse direcionada. Através da leitura de suas cartas, veículo mais importante de cruzamentos de informações, por ser praticamente o modo de comunicação pessoal da época, percebe-se que Bertha e Paulina trabalharam juntas em alguns momentos, que estavam informadas uma sobre a trajetória da outra, dos avanços que o sufrágio conquistava no país vizinho. Entre todas as sedes da NAWSA existia uma comunicação fluida, mas percebemos que além das diretivas centrais, criaram-se estratégias de ação entre as feministas americanas, estratégias próprias que cada uma desenvolveu separadamente em seu próprio país e de forma conjunta nos congressos e conferências.

Nesse trabalho procurei me deter nas conexões, nos cruzamentos. Tentei ler novamente discursos e falas afinando os ouvidos para escutar melhor outras vozes, outros

²³ Apud Graciela Sapriza (2001, p. 88-89).

²⁴ Manifesto da candidata da mulher brasileira por Bertha Lutz (1936). Arquivo Nacional. Fundo FBPF.

²⁵ Carta de Paulina Luisi á Bertha Lutz. 14/01/1922. Ministério de Justiça. Arquivo Nacional. Fundo Bertha Lutz.

discursos, outras palavras, outros significados das mesmas palavras. Tentei ser um espelho, refletindo novos reflexos e, mesmo quando velhos, com novas tonalidades.

Paulina, Bertha e outras centenas de homens e mulheres, que buscaram justiça e igualdade em tempos onde o masculino era considerado o referente absoluto.

Referências

BESSE, K. Modernizando a desigualdade. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. 1914-1940. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

CABRERA DE BETARTE, Silvia. Paulina Luisi una socialista para conocer, querer y emular. Serie de documentos num. 27. Edición de correo socialista. Montevideo, 2001.

CASCUDO RODRIGUEZ, João Batista, A mulher brasileira. Direitos políticos e civis. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceara, 1962.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger .A ordem dos livros. In: A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999.

_____. A história ou a leitura do tempo. Belo Horizonte. Autêntica. 2007

_____. Práticas de leitura. Estação Liberdade. São Paulo. 2009.

DE NOVAES MARQUES, Teresa Cristina. Elas também desejam participar da vida pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. Revista Gênero. Niterói, v. 4, n. 2, p. 149-169, 1. sem. 2004.

Estatutos da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Rio de Janeiro: Olympica, 1936.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Loyola. São Paulo. 2009.

HAHNER, Juner E. Emancipação do sexo feminino. A luta pelos direitos da mulher no Brasil 1840-1940. Mulheres. Florianópolis. 2003.

_____. A Mulher no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937. São Paulo: Brasiliense, 1981.

JARDIM PINTO, Céli Regina. Uma história do feminismo no Brasil. Perseu Abramo. São Paulo, 2003.

LAVRIN, Asunción. Mujeres, feminismo y cambio social, en Argentina, Chile y Uruguay 1890-1940. Centro de Investigaciones Diego Barros Aranda. Santiago de Chile, 2005.

MOREIRA ALVES, Branca. Ideologia & feminismo. A luta da mulher pelo voto no Brasil. Vozes. Petrópolis, 1980.

MOREIRA ALVES, Branca; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo? São Paulo: Brasiliense, 1984.

OSTA VÁZQUEZ, María Laura. El sufragio: una conquista femenina. Obsur. 2008.

_____. La reforma educativa de José Pedro Varela y el papel otorgado a las mujeres, durante el periodo de la dictadura de Lorenzo Latorre (1876-1879). In: Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009. Disponível em http://www.coloquioconesul.ufsc.br/maria_laura_osta_vazques.pdf

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. Revista Historia vol. 24. Num. 1. São Paulo. 2005

RAMOS FLORES, Maria Bernardete. Tecnologia e estética do racismo. Ciência e arte na política da beleza. Argos. Chapeco. 2007.

RODRIGUEZ VILLAMIL, Silvia. Nosotras en la Historia. Montevideo: GRECMU., 1986.

_____. El voto femenino en el Uruguay: ¿conquista o concesión?. Montevideo: GRECMU, 1983

_____. Feminismo y Política. Hoy es Historia. Revista bimestral de historia nacional e iberoamericana. Montevideo, junio-julio 1984.

SAPRIZA, Graciela. Memorias de Rebeldía. Puntosur, Montevideo, 1988.

SAPRIZA, Graciela. La “utopia eugenista”. Raza, sexo y género en las políticas de población en el Uruguay. (1920-45). Tesis de Maestría. Universidad de la Republica. Facultad de Humanidades. Inédita. Montevideo. 2001.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Erico. Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até atualidade. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2000.

SCOTT W, Joan. A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem. Mulheres. Florianópolis, 2002.

_____. El Género: una categoría útil para el análisis histórico. In: NAVARRO, Marysa,

STIMPSON, Catharine (orgs). *Sexualidad, Género y Roles sexuales*. Buenos Aires: FCE, 1999. Pags. 37-75.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n° 15, set/out/nov/dez.2000, pp. 97-117.

_____. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Editora Mulheres. Florianópolis, 2006.

URUGUAYOS NOTABLES. 11 Biografias. Montevideo: Fundación Banco de Boston, 1999.

WERNER, Michael ; ZIMMERMANN, Bénédicte. *Penser l'histoire croisée: entre empirie et réflexivité*. Editions de l'EHESS. Annales. Histoire, Sciences Sociales. 2003. Disponível em : http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=ANNA&ID_NUMPUBLIE=ANNA_581&ID_ARTICLE=ANNA_581_0007. Outubro de 2010.

Fontes

Bibliográficas

LUISI, Paulina. *La Mujer uruguaya reclama sus derechos*. Editorial Apolo. Montevideo, 1929.

Conferencia Movimiento Sufragista. *El Siglo Ilustrado*. Montevideo, 1919.

Estatutos. *Alianza Uruguaya para el Sufragio Femenino*. Montevideo, 1921.

Sociología, Educación. Informes y Conferencias. Biblioteca Nacional. Montevideo 1919.

LUTZ, Bertha. *A nacionalidade da mulher casada*. Secção de Estudos Jurídicos da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Rio de Janeiro 1933.

Manuscritas

Biblioteca Nacional

Archivo Paulina Luisi: original, conjunto de borradores 1942, carpeta N° 1

Estatutos

Luisi, Paulina. *Estatutos. Alianza Uruguaya para el Sufragio Femenino*. *El Siglo Ilustrado*. Montevideo, 1921.

Arquivo Câmara de Representantes e Senado no Uruguai

Diario de Sesiones de la Honorable Cámara de Representantes. Tomos 216, 231, 233, 286, 305, 327, 364, 373, 375, 380, 381. Número 7562.

Diario de Sesiones de la H. Convención Nacional Constituyente de la República Oriental del Uruguay. Tomos II y III.

Arquivo Câmara de Representantes e Senado no Brasil

Annaes Câmara Deputados, 1917.

http://www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=2000&li=34&lcab=1927-1929&lf=34. Acessado 31/05/2011.

Arquivo Nacional Rio de Janeiro

Carta de Paulina Luisi à Bertha Lutz. 14/01/1922. Ministério de Justiça. Arquivo Nacional.

Fundo Bertha Lutz.

Discurso de posse, na Câmara dos Deputados, junho 1936. Arquivo Nacional. Federação Bertha Lutz.

Entrevista de Bertha Lutz à o Jornal *Á Noite*: A maternidade, o tributo de sangue que a mulher paga a pátria. Cx. 78, pacote 2, ap.46. 1932. Arquivo Nacional. Federação Bertha Lutz.

Manifesto da candidata da mulher brasileira por Bertha Lutz (1936). Arquivo Nacional.

Fundo FBPF

Periódicos

Imprensa

A Vanguardia. Rio de Janeiro. 1924-25

El Bien. Montevideo, 1912, 1914, 1917, 1932.

El Demócrata. Montevideo, 1906-1923.

El Día. Montevideo, 1912, 1923.

Jornal das Moças. Rio de Janeiro. 01/1919- 01/1920

Revistas

Revista Acción Femenina, Montevideo, Nos.1-50. 1917-25